



“Saboreai e vede
Como o senhor é bom”



*Solenidade da Santíssima Virgem Maria,
Mãe de Deus*

Salvador Rafael Cavaco

Primeira Leitura: Números 6:22–27

Salmo: 67 (66): 2

Segunda Leitura: Gálatas 4:4–7

Evangelho: Lucas 2:16–21

Todos os anos, no primeiro dia de Janeiro, a Igreja celebra a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Com esta festa, que marca a abertura do novo ano, a liturgia coloca diante dos fiéis a verdade central da Encarnação do Filho de Deus e a singular maternidade de Maria. Nesta celebração, somos chamados a meditar o Evangelho proclamado, a reconhecer a sabedoria das leituras escolhidas e a contemplar, à luz da Sagrada Escritura e da fé da Igreja, o título com que veneramos a Virgem: Mãe de Deus. Este mistério, colocado no início do ano, torna-se orientação e sustento para todo o caminho cristão.

Como acontece todos os anos neste dia, a liturgia proclama sempre o mesmo Evangelho: Lucas 2:16–21. Este excerto apresenta-nos o relato do nascimento de Cristo em Belém, mas com um enfoque particular: a reacção dos pastores à mensagem que lhes foi anunciada. É através do olhar destes homens simples que o evangelista nos introduz no mistério do Menino, permitindo reconhecer no acontecimento de Belém não apenas um facto histórico, mas o sinal da presença de Deus no meio do Seu povo, do Emanuel.

“Naquele tempo, os pastores dirigiram-se apressadamente para Belém e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. Quando O viram, começaram a contar o que lhes tinham anunciado sobre aquele Menino. E todos os que ouviam admiravam-se do que os pastores diziam. Maria conservava todos estes acontecimentos, meditando-os em seu coração. Os pastores regressaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes tinha sido anunciado. Quando se completaram os oito dias para o Menino ser circuncidado, deram-Lhe o nome de Jesus, indicado pelo Anjo, antes de ter sido concebido no seio materno.” (Lc 2:16–21)

À primeira leitura, pode-nos causar estranheza que seja este o Evangelho escolhido para a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Seria natural esperar um texto mais directamente centrado na figura da Virgem: o relato da Anunciação, onde o Anjo Gabriel anuncia que Maria será Mãe do Filho do Altíssimo; ou a cena da Visitação, em que Isabel proclama: *“Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?”* (Lc 1:43). A liturgia, contudo, propõe-nos o testemunho dos pastores e a reacção de Maria às suas palavras. A razão desta escolha não é arbitrária: corresponde a critérios teológicos e litúrgicos que a Igreja, ao longo dos séculos, foi discernindo.

A primeira razão encontra-se no próprio texto proclamado: *“Quando se completaram os oito dias para o Menino ser circuncidado, deram-Lhe o nome de Jesus”* (Lc 2:21). O dia um de Janeiro corresponde precisamente ao oitavo dia após o nascimento de Cristo. É o encerramento daquilo que a Igreja chama de oitava do Natal. Durante séculos, esta data foi celebrada como a festa da Circuncisão e do Santíssimo Nome de Jesus. Após o Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI transferiu para este dia a festa de Santa Maria, Mãe de Deus, que era celebrada em Outubro. A liturgia conserva assim a memória da antiga celebração, mas, ao mesmo tempo, realça o sentido profundo do oitavo dia: o Filho de Maria, circuncidado segundo a Lei, é reconhecido com o Nome que revela a Sua missão, e nesse mesmo dia a Igreja proclama a maternidade divina d’Aquele que O trouxe ao mundo.

Há, porém, outro aspecto que podemos considerar. O Evangelho inicia-se pelo anúncio dos pastores a Maria e a José (Lc 2:16–18). Recordando o versículo anterior, lemos: “*Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Cristo Senhor*” (Lc 2:11). Esta foi a palavra que o Anjo confiara aos pastores e que estes, por sua vez, transmitiram à Sagrada Família. O Menino é apresentado como Salvador, como Cristo – o Messias esperado –, e ainda como Senhor (*Kyrios*), título que no Antigo Testamento designava o próprio Deus. Assim, o Evangelho não refere apenas um Messias humano, mas proclama já o Messias divino, o Filho de Deus feito homem, o Salvador do mundo.

Neste quadro, Maria vem ocupar um lugar singular. É um dos poucos momentos em que São Lucas nos abre uma janela para o interior do seu coração. Diante da palavra transmitida pelos pastores acerca do Menino – reconhecido como Cristo, Salvador e Senhor –, o evangelista observa: “*Maria conservava todos estes acontecimentos, meditando-os em seu coração*” (Lc 2:19). Não se trata apenas de uma atitude de recordação, mas de uma verdadeira contemplação do mistério, de se deter ponderando, conferindo-lhes lugar no Seu Coração.

O texto original grego ajuda-nos a compreender melhor esta atitude de Maria. O verbo *syntērēō*, traduzido por “guardar”, significa literalmente “acumular num tesouro”. Assim, Maria recolhe as palavras dos pastores e encerra-as no Coração como um bem precioso. O segundo verbo, *sybállō*, traduzido por “meditar”, quer dizer “juntar, confrontar”. Sugere a imagem de Maria a unir interiormente os acontecimentos, a confrontar os sinais recebidos, a procurar o sentido mais profundo do mistério que se Lhe revela diante de Si: Quem é verdadeiramente este Filho, o pequeno Menino deitado e, como a tradição refere, “enfaixado” na manjedoura.

Este pormenor torna-se ainda mais significativo se pensarmos na origem desta informação. Como poderia Lucas conhecer o que Maria guardava e meditava no Seu Coração? Muitos estudiosos sustentam que os relatos da infância em Lucas se baseiam no testemunho directo da própria Virgem Maria. O evangelista afirma no prólogo ter investigado cuidadosamente os factos “*segundo o que nos transmitiram os que foram testemunhas oculares desde o princípio*” (Lc 1:2). Ora, a testemunha por excelência desde o início é precisamente Nossa Senhora. Além disso, sabemos pelos Actos dos Apóstolos (18–19) que Lucas passou alguns anos em Éfeso, entre 54 e 57, a mesma cidade onde, segundo a tradição, a Mãe do Senhor viveu após a Morte e Ressurreição de Cristo.

Seja qual for a origem imediata destes dados, o certo é que, na Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, este Evangelho abre-nos uma janela para adentrarmos no Coração da Virgem. Contemplamos a Mãe que, em silêncio e fé, resguarda no Seu íntimo o mistério do nascimento do Seu Filho, reconhecido como Salvador. O texto conduz-nos assim ao núcleo da festa: a maternidade de Maria não se trata apenas de um facto biológico, mas um acontecimento de fé, no qual o mistério de Deus feito homem se torna objecto da Sua contemplação e do Seu amor materno.

Os pastores, depois de verem o Menino, regressam glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e contemplado. O Evangelho conclui recordando que, ao oitavo dia, o Menino foi circuncidado e recebeu o Nome de Jesus. Este pormenor tem grande significado: na tradição judaica, o nome não era atribuído no nascimento, mas solenemente no oitavo dia, com a circuncisão. “*Jesus*” provém do hebraico *Yehoshua* ou

Yeshua e significa “*O Senhor salva*” (cf. Mt 1:21). Assim, no momento em que recebe o Nome, revela-se também a Sua identidade e a Sua missão: Ele é o Senhor, e a Sua vinda ao mundo tem como fim a salvação de todos. Maria, presente neste acontecimento, guarda no Coração este mistério, consciente de ser a Mãe do Salvador, do Cristo, do Senhor.

A primeira leitura (Nm 6:22–27) traz-nos a bênção sacerdotal:

«O Senhor te abençoe e te proteja. O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te seja favorável. O Senhor volte para ti os seus olhos e te conceda a paz».
Assim invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel e Eu os abençoarei»

Não deixa de ser importante que o novo ano se inaugure com a bênção de Deus, tal como a ouvimos na primeira leitura. Existe aqui uma profunda ligação com o Evangelho: no Antigo Testamento, o Nome do Senhor era invocado sobre o povo como sinal de protecção e de graça; no Novo Testamento, ao oitavo dia, o Menino recebe o Nome de Jesus, que significa “*O Senhor salva*”. Já não se trata apenas de um Nome pronunciado em oração, mas de um Nome que Se fez carne, de uma presença real: Deus habita no meio de nós, e esse Deus tem um nome – Jesus.

O Salmo 67 retoma de forma poética o mesmo motivo: “*Deus Se compadeça de nós e nos dê a sua bênção, resplandeça sobre nós a luz do seu rosto.*” (Sl 67:2). No contexto do Antigo Testamento, esta expressão evocava o olhar benevolente de Deus sobre o Seu povo. À luz do Novo Testamento, porém, esta súplica encontra cumprimento literal: Deus fez-Se homem e mostrou-nos o Seu Rosto em Cristo. Maria, como toda a mãe diante do filho recém-nascido, contempla esse Rosto com ternura. Mas, no Seu caso, o olhar materno penetra também o mistério: naquele semblante humano resplandece a luz do próprio Deus.

A segunda leitura (Gl 4:4–7) recorda-nos:

“Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei e nos tornar seus filhos adoptivos.” (Gl 4:4–5)

São Paulo menciona aqui, discretamente, Maria: “*nascido de Mulher*”. Estas palavras condensam em si toda a realidade da Encarnação: o Filho eterno de Deus assume a nossa humanidade, vindo ao mundo por meio de Maria. A Igreja reconheceu desde cedo a densidade desta expressão e, no Concílio de Éfeso, em 431, proclamou solenemente Maria como *Theotókos*, isto é, “Mãe de Deus”. Com este título, afirma-se que Maria não é apenas Mãe do Messias enquanto homem, mas a verdadeira Mãe do Verbo feito carne, do Filho divino que penetrou a história.

O título de Mãe de Deus salvaguarda a verdade essencial da fé: Jesus é verdadeiro Deus desde o instante da Sua concepção. Não Se tornou divino apenas na Ressurreição ou na Ascensão; nasceu já como verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Convém, porém, evitar equívocos. Ao confessar Maria como “Mãe de Deus”, a Igreja não afirma que Maria seja maior do que Deus, nem a apresenta como Mãe da Santíssima Trindade. Ela é Mãe unicamente da segunda Pessoa da Trindade, o Filho eterno, que, pelo Espírito Santo, Se encarnou no Seu seio virginal.

O Catecismo da Igreja Católica exprime-o com clareza: “*Aquele que Ela concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que Se tornou verdadeiramente Seu Filho segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é verdadeiramente Mãe de Deus (Theotókos).*” (CIC, 495)

Assim, sempre que a Igreja fala de Maria, fá-lo em ordem a Cristo, ou seja, apontando em direcção a Jesus. A Sua maternidade divina resguarda a integridade do mistério da Encarnação contra todo o erro que procure negar a plena humanidade ou a plena divindade do Senhor. É isso que celebramos a um de Janeiro: Maria, Mãe de Deus, sinal luminoso e garantia segura da fé da Igreja em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, único Salvador do mundo.

Texto baseado em “*Mass Readings Explained – Year C – Solemnity of Mary, Mother of God*” por Brant Pitre.